

Fim do déficit público não é tudo, diz Andima

"A reforma fiscal é, sem dúvida, uma prioridade de curto prazo no País. No entanto, não é a única. Outros países convivem com grandes déficits orçamentários sem que, por isso, tenham amargado uma explosão de preços. Isso se deve às formas não inflacionárias de financiamento por eles adotadas, distintas do caso brasileiro", adverte a Associação Nacional das Instituições de Mercado Aberto (Andima), que congrega em nível nacional as empresas que atuam no mercado de capitais. A entidade lembra que "pode-se dizer que a reversão do déficit público no Brasil é pré-condição para a reversão da atual crise econômica, mas, isoladamente, talvez não seja capaz de solucionar a questão inflacionária".

Segundo a Andima, "passada a fase crítica da crise política que assolou o País nos últimos quatro meses, as expectativas dos agentes econômicos se voltam para os nomes que irão compor o primeiro escalão do governo. A maior preocupação diz respeito a como será coordenada a estratégia de política econômica daqui para a frente, principalmente no que tange à modernização da economia".

Especulações — Temas como privatização, abertura da economia e reforma fiscal, abandonados com o agravamento da situação política do País, voltam a ser discutidos pela sociedade, que especula sobre o perfil da equipe que assumirá o comando da economia.

O temor de que os novos dirigentes do País sejam favoráveis à dolarização ou dificultem os processos de privatização e de aber-

tura da economia ao comércio internacional tornou-se o centro nevrálgico do cenário que antecedeu a posse de Itamar Franco. Isto porque, dependendo da política econômica a ser seguida, o acordo da dívida externa e o atual fluxo de investimentos estrangeiros poderão ser alterados.

O Ministério da Economia foi desdobrado nos Ministérios da Fazenda e do Planejamento, ocupados por Gustavo Krause e Paulo Haddad, respectivamente. Krause, ao assumir, anunciou as diretrizes de um programa emergencial para os próximos 90 dias e a manutenção da atual rota das políticas monetária e fiscal, além da permanência de Francisco Góes na presidência do Banco Central por mais 30 dias.

Nos dois primeiros dias do mês, o mercado financeiro funcionou como termômetro da sensibilidade dos agentes econômicos, diante da indefinição dos nomes da nova equipe de governo. Posteriormente, reagiu em função da falta de conhecimento dos perfis dos novos ministros da área econômica e da fragilidade política inicial do governo Itamar.

As Bolsas de Valores, que registraram altas de cerca de quatro por cento no primeiro dia do mês, abriram, na sexta-feira, amargando perdas de 3,5 por cento no Rio e de 5,6 por cento em São Paulo. No fechamento do dia, o resultado foi de quedas de cinco e 7,4 por cento respectivamente. Os mercados de ouro e dólar em movimento contrário, após a queda de cerca de um por cento em 01/10, já registravam na sexta-feira altas de 3,5 por cento, fechando o dia com altas de três e dois por cento, respectivamente.